

# O LIBERAL.

PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR—Gaspar Augusto d'Oliveira Faria Basto.

PUBLICA-SE A'S QUINTAS FEIRAS.

NUMERO 6.

Assignatura para Braga, anno.....1/600 rs.  
" " " as provincias.....1/840 rs.  
Escriptorio da redacção rua Nova, n.º 45,  
onde se recebem todos os annuncios e corres-  
pondencias.

QUINTA FEIRA 17 DE OUTUBRO.

Annuncios e comunicados, por linha. . . 20 rs.  
Repetições ..... 10 "  
Folha avulso.....50 "  
Publicações litterarias 2 exemplares.  
Assignaturas pagas adiantadas.

ANNO, 1872

## ESPERANÇAS MURCHAS.

Leitor amigo, não te illudas com a epigraphe, não imagines que vaes lèr algum suavissimo trecho da Rosina de Houssaye, ou uma pagina agonisante do Fausto de Marlow.

Esperanças murchas—epigraphe que se encontra n'esse mundo litterario em qualquer livrosinho que respira perfumes romanticos, é como que um epitaphio pallido que gravamos, sem medo de nos enganarmos, na frente livida do partido miguelino.

Ha trinta e tantos annos que os sectarios do infante D. Miguel, suspiram pelas velhas e sanguonarias instituições, imaginando ver em cada atomosinho de poeira, que brinca e ri carrancudo nos horisontes azues do mundo liberal, uma verde esperança, e, contudo, até hoje téem visto apenas as creanças esplendidas de uma ideia grandiosa, gravadas mais profundamente no coração d'este povo que detesta um passado, por que elles choram ainda.

E os absolutistas, em boa hora se diga, téem lançado mão de todos os meios.

Hemos de encontral-os sempre, ora agarrados ao baculo pontificio, fallando de Deus como verdadeiros

christãos, ora, um pouco desesperados, insultando grosseiramente todos os que voluntariamente se deixam seduzir por um principio nobilissimo, principio que o Filho do Eterno fez ecoar pelo orbe inteiro.

E, no entanto, por mais que façam, por mais que esbravejem não conseguem attrahir sobre si mais do que dó ou compaixão.

As vossas ideias, collegas do Futuro, são rachiticas e acanhadas por que não passam, nem passarão jamais, do vosso hypocrita e angusto craneo.

São como o rugido do leão moribundo, que vae morrer de encontro ás florestas do deserto.

Se Deus vos der longa vida, heide fallar sempre, bem o sabemos; mas, com sincera franqueza vol-o dizemos tambem, nada conseguireis.

Verdade é que o tempo já vos podia ter desenganado, já de ha muito que a voz das gerações futuras vos brada, pela nossa bôcca, que é mentiroso o sonho, que vos preoccupa a imaginação, que é mister caminhar, que é forçoso cuspir, de uma vez para sempre, no mundo velho; vós, porém, cerraes os ouvidos, e só quereis prestar attenção á voz de Satanaz, que vos diz: sem inquisição, sem jesuitas, sem forca e uma coisa que eu

sei, não é possivel a existencia das nações.

Escriptores do Futuro, nossos muito amados collegas, a quem enviamos muito saudar, abri os olhos á luz esplendorosa da liberdade, juntae-vos n'esta crusada conosco e sede bemitos de geração em geração.

Ponde um dique, se puderdes, á torrente das ideias exaltadas, mas não vos lembreis jamais de intorpecer o passo a esta geração ousada, que caminha desassombradamente para o futuro.

Esquecei Ptolomeu e abraçai-vos com Copernico e Gallileu.

Dizei adeus ás vossas esperanças, porque ellas, as pobresinhas, jámais reviverão. Não ha sol, nem orvalho que vivifique as despotas.

## COISAS DA EPOCHA.

Hontem o papa, empunhando na dextra o baculo de pontifice e o poder temporal, vivia feliz e tranquillo; hoje, vendo invadidos os seus estados, curva a frente soberana e resigna-se, esperando, com fé viva, dias mais venturosos.

Estremecei de jubilo cinzas gigantes de Cavour—inagurou-se afinal a

que de beijos coroou a minha fronte  
então linda de mimo e candidez!

Quantas vezes, bom Deus, essa figura  
tão doce e veneranda de meu pae,  
em sonhos m'apparecia rutilante  
como um raio formoso d'Adonai!

Hoje, tudo cahido! O vento apenas  
por entre os eparisos brinca e ri...  
a imagem d'esse pae da minha infancia  
fugio da terra, nunca mais a vi!

«Mas este homem era feliz ainda  
assim! Tinha beijado na infancia esse  
que lhe chamou filho, que rio e  
chorou com elle; e eu? tive por ven-  
tura quem me beijasse? E' possivel.  
Mas a quem pertenceriam esses la-  
bios?...»

«Tu, doce amigo, lembras ainda  
teu pae e tua mãe talvez, e eu?»

Ó meu tão doce amigo eu sei que custa  
esta ponte transpor chamada—vida  
mas olha attende um pouco, o pranto susta  
e vem á minha estancia dolorida...

Vê tu que dôr immensa! o infinito  
não é mais fundo qu'esta dôr, não é,  
e neste meu calvario de granito  
não encontras jamais esp'rança e fé!

Eu sou como as areias do deserto  
sempre expostas ao igneo fulgôr,  
sou como o tempo duvidoso, incerto,  
que escapou-se das mãos do creador!

Eu sou como a palmeira, que verdeja  
n'um triste oásis quasi a fenecer...  
eu sou como essa luz que tremuleja  
por sobre a nuvem, que nos dá o chover!

ingente e grandiosa theoria—da egreja livre no estado livre.

Mas diga-nos a formosissima patria do Tasso: o aniquillamento do poder temporal seria muito vantajoso para ella? A Italia não poderia aspirar á suprema felicidade politica sem a união dos estados pontificios? Cremos que sim.

Nós, consultando, á luz da imparcialidade, as paginas da historia, bem depressa nos convencemos de que o poder temporal da egreja não tem razão de ser. E senão vejamos.

Achava-se Estevão II ameaçado por Astolpho, rei da Lombardia, quando Pepino, o Breve, ancioso já de ha muito por pagar uma divida ao papa, transpoz os Alpes, desbaratou os lombardos, e doou ao papa os estados que conquistou a estes barbaros.

Cremos que não é preciso ser tão esperto como os redactores do Futuro para ficarmos sabendo que estes estados cahiram nas mãos pontificias por meios puramente seculares.

No começo do seculo XVI o devasso Cesar Borgia, envenenador sem rival de aquelles heroicos tempos, o amante carinhoso, segundo é fama, de sua irmã Lucrecia Borgia, rasgou, a pedido de seu digno pae, a purpura cardinalicia, e, empunhando

Eu sou como essa folha amarellada,  
que um fio só sustenta ind'acolá...  
deixe que brinque o vento... a desgraçada  
ha-de tombar e nunca s'erguerá?

Ó meu amigo eu sei que é bem penoso  
esta ponte transpor chamada vida;  
mas volve o teu olhar affectuoso  
e fita a minha estancia dolorida!...

«O' que era bello esse tempo ainda  
assim! Então ainda a minha alma  
se balouçava contente na esphera da  
crença, então tinha eu um hymno  
para Deus e para o mundo, então  
não soltava esta bocca blasphemias...

«Blasphemias? Pois eu solto blasphemias? Isto que digo não são verdades, que sabem do coração tão espontaneamente como um raio de luz que sahe do sol, como o clarão que fôge da lua, ou como o fogo vulcanico que arroja a lava para fóra?»

«Pois que quer dizer este meu grito, dilacerante como um rugido de panthera ferida,—Pae!»

«E o echo responde além—Pae! Mãe! exclamo, e o echo adormecido responde meio desperto—Mãe!»

«O' echo tu és meu pae!»

«O' echo tu és minha mãe!...»

«Louco que eu sou! Que é d'aquella voz que ha pouco ouvi, ao longe, doce como o murmurejar da corrente?»

«Eil-a... como é linda! Se o rouxinol poderia apprender alli?!»

«Oh! eu vou ouvir de mais perto aquella voz angelica, aquella voz suave como deveria sê-lo um canto purissimo da Mãe de Christo!»

(Continúa).

## FOLHETIM

### ESPURIOS.

Ao seu amigo Paes Villas-boas,

C. VIANNA.

(Continuado do n.º 5).

II.

«E hei-de eu amar? Eu que vivo tão só no mundo? Eu que desper-tei n'este infame circo sem encontrar um sorriso de mãe, ou um olhar affectuoso de pae? Eu que vi e vejo os outros rapazes passarem ante mim com o nome dulcissimo de mãe no olhar, no labio, no cabello, em cada gesto, riso ou lagrima, sem que possa dizer—mãe!...»

«O' cachoeira que soluças no êrmo, ó átomo d'essa enorme massa de agua que banha os continentes e as ilhas, ó cachoeira dize-me: não és tu mais feliz do que eu?»

«Que longa desesperança!...»

«O' Fausto de Marlow, tu que, entregando o teu corpo aos vermes, pedias ás montanhas, ás nuvens, aos astros um consolo para o teu espirito, e viste sempre a natureza responder-te com a mudez do silencio, tu és meu irmão, meu pae talvez; porque sabes comprehender o meu tormento!»

«Quantas vezes perguntei ás espheras, que gyram na immensidade azul:

«scentelhas do infinito acaso não tereis pae ou mãe?»

«E as espheras como que se agrupavam para formar uma palavra, luminosa como a intelligencia humana: Deus!»

«Deus! linda miragem da minha meninice, eu te bemdigo!...»

«Deus! onde está meu pae, minha mãe?»

«Se á tua voz vem do céu, vencedor de Satan, nem um som escuto—apenas vejo as nuvens caminhar para o oriente, negras e compactas como fortalezas antigas?»

«E quem sabe se aquellas nuvens, que assim correm para o oriente, serão um aviso?»

«Meus paes no oriente? Como eu sou ingenuo!»

«D'aquelles amigos, que outr'ora me acompanhavam, nenhum teria pae?»

«Ainda me recordo d'um que me respondeu:

Pae!? bem me lembro, sim, inda recordo esse tempo d'engano, amor e paz, quando eu julgava ouvir dizer-me o vento: ó loira creancinha onde é que vás?»

Quando eu corria atraz das borboletas, ébrio dos meus encantos infantis, e vinha, já cançado, repousar-me nas escadas d'um velho chafariz...

quando eu subia, rindo, o verde outeiro com o meu papagaio todo azul e em choros irrompia, em desesperos, se me tardava a viração do sul!

Pae! bem me recordo, eu tive um santo que seu filho chamou-me muita vez,

a espada, tentou, d'acordo com Alexandre VI, conquistar a Roinania, então dividida em republica ou principados.

E effectivamente o dissoluto Cesar Borgia pôde, á custa do punhal e do veneno, desfazer-se dos senhores de Rimini, Forli e Faenza e, em 1501, proclamou-se duque soberano da Roinania.

Um dia, porém, Juliano de la Rovere (Julio II) subio ao throno pontificio, e, não lhe soffrendo aos seus brios guerreiros, ver o duque de Borgia apertar, entre as suas garras de aguia, aquillo que lhe não pertencia, cahio sobre elle como um raio, ficando apontado na historia como esplendido conquistador.

— Este Julio II, valha a verdade, foi uma boa alma!

Em quanto precisou de Luiz XII de França para fazer frente aos Venezianos, affagou e encheu de blandicias o monarcha francez; logo, porém, que a alliança d'elle se lhe tornou inutil, não teve pejo de suscitar-lhe inimigos terriveis!...

Este proceder iniquo é, na realidade, muito lisongeiro!...

Finalmente a residencia esplendorosa de Tasso, Ariosto e Boiardo, a luminosa patria de Savanarole e Guarini, Ferrara, depois de ter conhecido varios donos, cahio nas mãos dos duques da Casa d'Este, e passou, mais tarde, contra os direitos d'esta, para as mãos de Clemente VIII.

Ora digam-nos agora, todos aquelles que se vangloriam de imparciaes, se o anachronico poder temporal dos papas é ou não tão secular como o poder despotico da sublime Porta? Sobre isto, cremos piamente, não pode haver duvida.

Liguemos agora a questão.

Tinhamos nós dito, pouco mais ou menos, que estavam intimamente convencidos de que o poder temporal não merecia que um grande numero de catholicos, quebrasse lanças a seu favor; mas, para que o Futuro nos não appellide de libertinos ou o que quer que seja, diremos: que o poder temporal, com quanto não seja uma consequencia necessaria para augmentar a força moral da egreja, devia deixar-se viver, ao menos, como usufructo de S. S.; porque a Italia nada soffria com isso.

Philosophemos um segundo sobre o caso: ou os romanos teem grande predilecção pela mae patria, ou não: — no primeiro caso, quando a Italia estivesse ameaçada, os romanos, inflamados do santo amor da patria, correriam, com as armas na mão,

em seu auxilio e defendela-hiam com unhas e dentes—no segundo, estando, como agora estão, unidos á mãe patria, concorrendo, pois, para a realisação da magnifica theoria de Cavour, hão-de, em a nossa humilde opinião, servir apenas de embarço.

Mas em vista do plebiscito a que se procedeu na cidade eterna a primeira asserção fica de pé—logo a Italia nada perdia se deixasse o uso fructo dos estados, que ha pouco conquistou, ao bondoso Pio IX.

Estas reflexões, que nos sahiram sinceramente dos bicos da penna, não as escrevemos com intuito de alcançarmos as boas graças dos reaccionistas, ovelhas hypocritas e cynicas com quem não queremos relações, por mais affastadas que sejam. Sirva isto de aviso aos taes velhacos, que, á sombra da thiara, tentam abalar um throno para elevarem quem não é cá chamado.

Nada; com essa gentinha, que responde com covarde silencio ás arguições, que lhe faz o partido liberal, não queremos ter parentesco algum.

Saiam das trevas, mostrem-se á luz do seculo, e, depois, fallaremos como bons amigos.

#### OS PADRES.

(Continuado do n.º 2).

D'antes, o sacerdote era o anjo da terra; os que passavam curvavam-se para beijar a fimbria da sua stringe; porque a paz e a esperanza entravam em todas as moradas sobre que desciam as bençãos d'elle.

Hoje, a prostituição entrou no templo do Crucificado; os claustrros das cathedras velam com o seu manto de pedra as abominações da torpeza; e as mãos do sacerdote deixam muitas vezes humedecida a tela, que veste os altares, com vestigios de sangue derramado covarde e vilmente.

A. HERCULANO.

O sino do vetusto campanario tange as badaladas singelas das Ave-Marias. Levanta-se o velho, e, pondo as mãos, entoa, com voz trémula, mas sonora, essas orações suaves, que as mães desde o berço ensinam a seus filhos, e que elles, quando adultos, respeitam e relembram com saudade. Oh! como é respeitavel e de ver-se aquelle grupo formoso, que a descabellada fronte do ministro do Christo senhorêa, como o altaneiro

curta, deixando ver uma torneada e tentadora perna, conversa com o seu namorado, enquanto o cantaro, que tem á bica d'uma tosca fonte, ainda não está cheio.

Acolá, n'um tortuoso caminho, orlado de castanheiros, caminha um ancião alquebrado pela fadiga do trabalho, mas deixando traduzir no rosto a mais completa satisfação. Mais além, uma camponesa, rodeada de seus filhinhos, ensina-lhes as orações das Ave-Marias, em quanto o pae, sentado na soleira da porta, os encara com avido olhar do mais puro amor.

Oh! o quanto não é poetica a vida da aldeia n'este encantador torrão chamado Minho, e onde o homem se pode dizer feliz, quando não tenha a encarar o encommodativo bulicio da cidade.

\*\*\*

O sol hia descendo tristuroso a fimbria do horisonte...

carvalho dos bosques! Como é n'esse momento tam santa, tam pura, e tam inspiradora a doutrina do Deus d'Israel!

Terminada a oração, o piedoso sacerdote lança a benção, em nome de Deus, sobre as crianças que lhe beijam a palma da mão, sorri a todos e, entre uns adeuses saudosos e repetidos, lá se vae por entre os renques d'arvores sobre que a noite já desdobra os seus funereos crepes, ou a lua touca com sua argentea lhamã.

E' este o typo formoso, verdadeiro e tam decantado, do padre d'aldeia, d'esse modelo de virtudes, que sobrepujavam a illustração dos das cidades. Não era profundo nas transcendencias da philosophia theologica; sabia muitas vezes ler só o seu *Breviário*; mas de sobejo conhecia por que veredas suaves se topava o caminho do céu.

Os padres urbanos, com rarissimas excepções, eram illustrados, respeitadores dos seus deveres, de costumes austeros e irreprehensiveis, vida proba e illibada, e, com as luzes do seu muito saber, illuminavam as trevas em que jaziam immersos os povos. Ensinavam convincentemente as doutrinas purissimas do Evangelho, sem as deturpar com fraudulentas convenções; guiavam os inexperientes n'esta senda aparcellada da vida, onde, a cada passo, baqueamos se não houver mão poderosa que nos ampare; e atalhava a heresia, o erro, e a duvida, com a exposição clara das verdades christãs. Oh! como então deviam crer em ti, ó Nazarenô! Se Tu tinhas cá na terra quem sabiamente interpretava as tuas leis e preceitos, e os ensinava á sociedade então corrompida pela idolatria, pelos gosos materiaes, pelos vicios, e pelas riquezas!

Foi assim que os raios luminosos e esplendidos, que dimanavam da tua Cruz, cravada no solo de todas as nações do mundo pelos teus ministros, que se regosijavam de morrer pela tua fé, deslumbrou os tyrannos da terra, lhes abalou os solios d'ouro, cercados de victimas agonisantes, e illuminou as sombras espessas em que atéli se abysmavam os povos.

Foi pelo teu amor, ó Christo, que esses heroes bellicosos do Christianismo, atravessaram regiões inhospitas e infestadas de inimigos, arrostando com a intemperie dos climas, e foram pregar as tuas doutrinas ás sociedades que viviam no obscurantismo religioso e moral.

Foi pela tua fé, ó Christo, que, com constancia, firmeza, e heroismo, elles soffreram, por espaço de tres

Alfredo caminhava triste e pensativo pela vereda mais solitaria da aldeia.

No seu rosto melancolico e abatido, e nos olhos, ainda humidos de lagrimas, podia-se logo, á primeira vista, presagiar a dôr que atormentava aquella alma.

De quando em quando parava, e estendia os seus olhares para uma casa que a distancia se via rodeada de laranjeiras, e junto da qual passava um regato, que, mais adiante, se ia misturar com as aguas do rio Cávado. Foi alli, dizia elle encostando-se ao tronco d'um olmeiro, que vegetava no meio do caminho, foi alli que eu a vi pela vez primeira, e que pela vez primeira senti em meu peito o mais puro e verdadeiro amor. Oh! e que arroubos de felicidade eu não sentia, quando ella deixava pender a sua fronte por sobre o meu coração, e me dizia, com uma voz que só os anjos podem ter: — amo-te—. E eu tambem a amava; mas o meu amor era um deli-

seculos, as perseguicões atrozes e sanguinolentas dos féros imperadores romanos, e morreram sem uma só vez renegarem o teu nome!

Foi assim que o Christianismo nascente, que ensinava a igualdade do direito, que todos eram irmãos, e livres, em curto espaço de tempo se derramou, floresceu e fructificou em todas as partes do mundo, sem que nunca os vendavaes das perseguicões e as procellas das heresias conseguissem desarraigal-o.

(Continúa).

#### O OLHO VIVO.

Continuamos hoje a narração dos casos que nos contaram, e que dizem ser verdadeiros.

2.º Que se tem, por muitas vezes, promptificado a pagar a importancia d'execuções promovidas contra este ou aquelle individuo, obsequio que a necessidade e a vergonha do véxame obriga a aceitar, e a firmar o titulo de quantia exigida, com uma usura desproporcional, e, muitas vezes, além d'isso para maior segurança, simplesmente, lavra-se nos autos termos de paga com cessão de direito a favor do novo credor, ficando este com dous titulos authenticos; mas só para segurança... Um bello dia vêsse o devedor compelido judicialmente a pagar duas quantias pelo mesmo credor, ou por terceiro que faz officio de corpo presente; pergunta a si mesmo como é possível pedir-se-lhe o que não deve, e a consciencia diz-lhe: Não é só nas estradas que ha ladrões. Inquire o credor *in nomine*, e este responde-lhe: Eu paguei, os titulos são legaes, e por isso tenho direito a exigir o que é meu, que muito me custou a ganhar. Responde a victima: Mas esta quantia é a mesma que consta d'uma lettra, em execução, que eu firmei ao F., que lhe cedeu tal direito!! — Não sei, lhe diz o hypocrita, seria equívoco, ou esquecimento; mas o que é certo é que eu paguei, e quando me não satisfaça com brevidade hei-de atormental-o com a justiça!

E assim paga o pobre do incauto duas vezes a mesma divida, se não quer ver os seus bens penhorados e em leilão na praça publica!!

Paramos com esta narração, um pouco, para dizermos duas palavras a respeito d'uma infeliz mulher que passava n'este momento.

Vêde a tão pobrinha, vestindo andrajos, pallida, olhos encovados e as palpebras humedecidas pelo chorar continuo! como ella caminha pressu-

rio, uma febre ardente que me devorava o craneo...

Era ao fim da tarde. O céu parecia-me n'aquelle momento mais bello, e as estrellas, que iam apparecendo no firmamento, pareciam sorrir para mim, em quanto as aves, que chilreavam por entre as laranjeiras, me elevavam com seus cantos ao extase da felicidade.

Hoje tudo para mim acabou, e esses sonhos doirados, por onde antevia o meu futuro, vi-os desaparecer, ficando em vez d'elles uma dôr cruciante, que me vae pouco a pouco roubando esta existencia tam cheia de soffrimentos.

E ainda ha-de haver quem acredite em mulheres! quem acredite n'essas lagrimas que ellas tam fingidamente sabem verter, para enganarem aquelle que lhe entregou o seu coração, e para ao depois, mais tarde, se rirem do seu amor!?

(Continúa).

Gaspar Leite.

## A VINGANÇA.

AO MEU AMIGO J. MARIA.

E' incontestavel que a provincia do Minho é uma das mais bellas do nosso Portugal.

Aquelle que se entregar ás delicias d'uma viagem n'esta encantadora provincia, não poderá deixar de surpreender-se ao contemplar immensas campinas de verdura, pontadas de uma variedade infinita de flores, e sombreadas de frondosos bosques, que occultam as crystallinas aguas de algum regato, e onde a philomella vae soltar seus tristes queixumes, nas poeticas noites do estio.

Ver, porém, á hora do sol pôsto, uma aldeia rodeada de alguns casaes, contemplar ao longe, no fundo dos olivares, o campanario da ermida onde soam, lenta e pausadamente, Ave-Marias é, podeis crel-o, grandioso, magnifico e sublime!

Alli uma esbelta rapariga de saia,

rosa, olhando para o chão, como temendo de avistar alguém... Para, alfin, a uma porta, e, banhada em lagrimas, diz ao bemfeitor: — « Meu homem jaz na prisão, meus filhos, tenras criancinhas, tem fome; querem pão, e eu não tenho que lhes dar!! Fui rica, meus paes deixaram-me bom dote; mas meu homem, victima incauta das ciladas do *Olho vivo*, deu cabo de tudo; e, por consequencia, ficamos pobres!! Depois denunciaram-no como falsificador de letras, instaurou-se o processo, foi condemnado, e lá está n'essas cadeias, sem nada poder ganhar, comendo a mísera *santa*, e, muitas vezes, reparando d'ella com seus filhos!! E elles, esses vampiros infames, algozes d'uma familia inteira, vivem contentes, enquanto que eu e meus filhos lutamos com a indigencia!! »

Depois lá segue a pobre, a infeliz mulher, para a lugubre habitação, levando aos filhos o obolo da caridade.

Quem quizer saber se isto é verdade, pergunte por Domingos Antonio Antunes, da freguezia de S. Victor.

(Continuaremos).

A HESPANHA.

Hespanha, outr'ora, era rica e representava entre as nações civilizadas um papel importantissimo; hoje, porém, não é mais do que uma nação desgraçada! O sangue derramado em tanta quantidade, em vez de aterrar e reprimir os hespanhoes, tem-nos affoutado e, ainda mais, enlouquecido!..

A diversidade de partidos trouxe-lhes a desordem, o crime, a infelicidade, e alfin um abysmo proximo!

A Hespanha será um chaos! Prim era olhado como um redemptor d'essa nação de horrores, que vivia opprimida pelo cruel despotismo da rainha expulsa, e... mataram-no! O seu protegido D. Amadeu, apenas sóbe ao throno, attentam logo contra a sua vida! Levantam-se com furia e denodo os partidarios de D. Carlos, rebenta em diversos pontos a revolução, corre aqui e ali o sangue a jorros, commettem-se roubos e assassinios, e, quando parecia aproximarse a paz, essa virgem linda, que sorri a todos, vê-se rebentar nova revolução — a republicana!

Ferrol acaba de presenciar mais uma scena d'exaltação delirante. Os republicanos, que não podiam por mais tempo supportar o fogo, que lhes escaldava a mente desvairada, levantaram o grito pavoroso da revolta, como para mostrar ao mundo que ainda existiam firmes e inabalaveis nos seus principios, e que o seu dormir perante a agitação carlista, era significativo!..

Dizem alguns jornaes que a fallada nova revolução republicana, fora simplesmente uma pequena demonstração; que se deram as providencias e que tudo está terminado.

Bom era que assim acontecesse; mas nós receíamos muito que aquelle grito vá ecoar em diversas partes; que esse echo estridente se repita e que, em muita gente, encontre o melhor acolhimento!..

CORRESPONDENCIA

Fafe, 10 d'Outubro de 1872.

(Do nosso correspondente).

Continúa por todo este concelho o alarido contra a nova resolução do administrador, por mandar que todos os taberneiros, que devessem real d'agoa á Fazenda Publica, o fos-

sem pagar na respectiva recebedoria. S. exc.<sup>a</sup> assim como foi o primeiro a declarar-lhes que o não pagassem, assim também foi o primeiro a coagil-os a pagar, sob pena de que não o fazendo serão executivamente compellidos. E' de lamentar, com effeito; que sendo bastante já o imposto de uma pipa de vinho para o desgraçado taberneiro pagar, quanto mais difficil e penoso será hoje para elle pagar o de seis, oito e dez pipas e mais, que importam agora quantias fabulosas?!!

Tudo assim vae. A lei ordena certos e determinados preceito, mas o sr. administrador, indifferente á mesma, e seduzido unicamente pela paixão de inspirar elle só no concelho e de ser superior á lei, revoga as regias determinações e decreta aquillo que muito bem e melhor lhe apraz.

Custa a crêr que estando nós em um paiz liberal, civilizado e constitucional, que o governo despache empregados tão austéros e arbitrarios para cargos de tanta consideração como este. E' a verdade e não a paixão politica que nos impelle a criticar actos publicos. Como méro chronicista que somos, apenas censuramos ou louvamos; e do contrario ultrapassaria a senda da imparcialidade em que transita o—*Liberal*—.

— Deu entrada nas cadeias d'esta Villa o sr. João Antonio d'Oliveira Guimarães, acreditado negociante n'esta mesma villa por se achar pronunciado pelo crime supposto de falsificação de uma escriptura. Sentimos cordealmente o seu estado, e, momentaneamente, por conhecermos a sua innocencia a tal respeito. Assim firmemente o cremos e igualmente o crê o muito nobre, recto e imparcial juiz de direito n'esta comarca, o exm.<sup>o</sup> sr. dr. Pedro Antonio de Carvalho.

S. exc.<sup>a</sup> achando o processo abandonado de provas que attestasse precisamente quem foi o auctor de tal delicto, não pronunciou o sr. Oliveira Guimarães. D'este despacho aggravou o Ministerio Publico para a Relação do Porto, onde foi então pronunciado. Ignora-se por enquanto a base do tal accordão em que se fundamentou para mandar que o exm.<sup>o</sup> juiz o pronunciasse; mas o que é certo é que não admite hesitação, e que não deixou de entrar alli espirito sauto de orelha, como vulgarmente se diz.

Todavia foi este, emfim, um facto singular em toda a extensão de palavra, já pela falta de testemunhas, presencias, já porque os responsaveis pelas notas são os proprios tabellães, e já finalmente, por que sendo a Relação a primeira a despronunciar qualquer individuo que se ache pronunciado, quando a ella recorra, foi só aqui que se denotou a singularidade, especialidade, excepção e exclusão do seu costume!!! Isto não tem commentos. Aguardamos agora a decisão do jury, de que em tempo opportuno daremos conta.

— Acha-se um tanto melhor de seus padecimentos o sr. Francisco Antonio da Silva Sarmiento, dignissimo escriptivo d'administração d'este concelho. Fazemos votos pelo seu restabelecimento.

— Apesar de ser das attribuições da camara, lembramos todavia ao sr. administrador do concelho (embora elle diga só tem n'ella voto consultivo) a necessidade de illuminação publica n'esta villa. Portanto chamamos a attenção de s. exc.<sup>a</sup> sobre tal exigencia reclamada por todos os cidadãos, uma vez que a maior parte ou quasi todos os melhoramentos d'esta terra são devida á iniciativa de s. exc.<sup>a</sup>

Assim o esperamos.

X.

O OUTOMNO.

O céu traja negras vestes!  
Tem do luto a triste côr!  
Nas profundezas celestes  
Só pavido rumor.

M. FIGUEIREDO.

A' exm.<sup>a</sup> sur.<sup>a</sup> D. M. R. Souza Magalhães.

Do olmeiro se desprendem seccas folhas  
E rojão pelo chao,  
E o céu, tam anilado, já se cobre  
De triste escuridão!

Das campinas azues o astro ingente  
Pallida côr vestio,  
E a andorinha fagueira pura e bella  
Rumo estranho seguio.

Já nos bosques não ouço o triste canto  
Do triste rouxinol,  
E a aldêa já perdeu a poesia  
Que tinha ao por do sol!

A lymphá crystallina do ribeiro  
Turbada já ficou,  
E, fugindo do leito onde dormia,  
As varzeas inundou!

Agora é tudo triste, e nem ao meos  
Um raio do sol vem;  
Pois espessa neblina vem descendo  
Aos matagaes d'além.

Outubro — 5 — 72.

Gaspar Leite.

NOTICIARIO.

Tem de publicar-se na proxima semana o primeiro numero do *Jornal de Braga*. Desejamos saude e pintos ao nosso collega, que, por sem duvida, não vem mostrar-se á luz do seculo seduzido por bagatellas.

O povo parece estar contente com a nova praça, que tanto honra a exm.<sup>a</sup> camara; e é d'esperar que dentro em pouco tempo esteja de todo concluida, com as condições necessarias para o fim a que é destinada.

Os jornaes anti-governamentais queixam-se amargamente de que o governo se serviu de insidias e traições afim de obter assignaturas para a contra-representação, que lhe foi dirigida; mas ninguem lhes dá consolo, porque dizem (e tem razão) «Para que lhe deram mau exemplo?» O segredo é a alma do negocio; cada qual mate seu pae como poder, mas não o diga a ninguem...

O *Campeão Liberal*, talvez sem querer, chama espiões e devassos a todos os empregados publicos, sem excepção alguma; e senão vejamos o que elle diz, fallando com relação ao novo codigo do processo civil, que s. exc.<sup>a</sup> o sr. ministro da justiça vai mandar imprimir: — «O dinheiro da nação é só para os espiões e devassos; por isso não admira que o thesouro esteja exausto para a publicação de obras importantissimas, e que se recommendam pelo nome dos auctores.

«Quando acabará o reinado da patuscada?!»

Ora todos os empregados publicos são pagos pela nação, e então é evidente (segundo o que o *illustradissimo* collega diz) que também são espiões e devassos....

Isto só ao *Campeão Liberrimo* é que pôde lembrar! Elles que lhe agradecem o elogio!

Consta-nos que o novo juiz de direito da comarca da Povoá de Lanhoso, que tomára posse na sexta ou sabbado da semana preterita, estando segunda feira ultima em audiencia, prevenindo os procuradores para que usassem da capa, no tribunal, e lhe apresentassem suas cartas e documentos provativos de seus exames, fôra atacado d'uma apoplexia fulminante, morrendo instantaneamente.

Está funcionando o exm.<sup>o</sup> sur. dr. Antonio Roberto d'Araujo Queiroz, digno juiz de direito primeiro substituto, d'esta comarca, e o exm.<sup>o</sup> sur. dr. Antonio Brandão Pereira, com a vara dos orphãos, visto achar-se ausente o digno juiz proprietario. S. exc.<sup>a</sup> foi ver uma filhinha, que se acha gravemente enferm.

Os enterramentos feitos no cemiterio publico d'esta cidade na primeira quinzena do corrente mez, andam já aproximadamente por 90 e tantos, entre adultos e crianças, sendo a maior parte victimas da terrivel molestia da variola.

Ao emprasamento que, no nosso n.<sup>o</sup> 5 do *Liberal*, fizemos ao sr. Alberto Estanislau, respondeu s. s.<sup>a</sup> com a carta que abaixo publicamos, e que agradecemos. Conformamo-nos com tudo n'ella exarado, excepto com dizer s. s.<sup>a</sup> que foi rogado para fazer as cartas firmadas com o seu nome; foi o sr. Alberto Estanislau que de sua livre vontade as fez.

S. s.<sup>a</sup> desejou tomar parte da redacção do *Liberal*, e, apesar d'um dos redactores torcer o nariz e franzir o sobrolho, foi acceto; mas, por incidente imprevisto, ficou d'ella desligado.

Illm.<sup>o</sup> sr.

Tendo visto um emprasamento que me diz respeito, no seu *Liberal* de quinta feira proxima passada, tenho a responder:

1.<sup>o</sup> Não ignora v. que eu lhe disse que dava uma relação com nomes de 100 assignantes, que o tinham sido do semanario de litteratura *O Operario*, e isto no caso que elles accetissem essa substituição de jornal:

2.<sup>o</sup> Deve v. estar lembrado de dizer-me, que se eu não desse as assignaturas do *Operario*, não podia publicar-se com brevidade o *Liberal*, em consequencia dos poucos assignantes que ainda tinha:

3.<sup>o</sup> Não ignora v. que me pediu licença para mandar fazer 100 cartas impressas, que v. s.<sup>a</sup> na typographia mandou compôr, dando-lhe por assignatura o meu humilde nome:

4.<sup>o</sup> Não ignora v. que foi por minha muito livre vontade, e com desejo que apparecesse o *Liberal* para combater a reacção, que eu me offereci para o proteger, dando os nomes d'esses assignantes e assignando eu essas cartas:

5.<sup>o</sup> Deve saber v. finalmente, que, dando eu os assignantes que dei, e accetando elles ou deixando de accetar o seu jornal, que me não responsabilizei pelas importancias das mesmas assignaturas.

Creio ter respondido, ao que no *Liberal* se chama emprasamento a mim.

Illm.<sup>o</sup> sr. Gaspar Augusto d'Oliveira Faria Bastos.

De v. etc.

Alberto Estanislau.

S. M. el-rei o snr. D. Luiz, foi mimoseado, pelo imperador de Marrocos, com dous ricos presentes: uma linda espada com copos de unicornio e bainha de ouro, e uma sella de velludo escarlata e brocado de ouro, com bordados em relevo e os coldres tambem bordados.

E' isto o que nos informam alguns jornaes.

## VARIÉDADES.

### TURMALINA.

Esta perola preciosa a que tambem se dá o nome de *diamante de Ceylão*, *schor electrico* e *arphísite*, compõe-se de silica allumina, e oxido ferrico.

Este mineral foi o primeiro conhecido e offerece varias cores como encarnada, azul e verde; mas ordinariamente é de cor negra.

### CORIDON.

E' como as outras uma pedra preciosa muita dura, e composta de allumina quasi pura. Tem differentes nomes, segundo as cores que apresenta.

- Amarella — *topazio oriental*;
- Azul — *saphyra*;
- Encarnada — *rub oriental*;
- Violeta — *amethysta oriental*;
- Verde — *esmeralda oriental*.

### TURQUEZAS.

São pedras preciosas d'um azul opaco; e chamam-se assim por ser a sua cor muito estimada pelos turcos.

Ha duas especies: a turqueza de rocha *calaita*, e a nova turqueza ou *odontolite*. Esta ultima especie provem dos dentes ou ossos dos maníferos, e é menos dura.

A turqueza imita-se muito bem com esmaltes.

## AGRADECIMENTOS

Germano Joaquim Barreto, sumamente penhorado para com os illm.<sup>os</sup> e exm.<sup>os</sup> snrs. e revd.<sup>os</sup> sacerdotes que o cumprimentaram pela occasião do fallecimento de sua presada filha Maria da Graça Barreto, e assistiram ao seu funeral na igreja do Carmo, a todos e a cada um em particular, protesta o mais intimo reconhecimento. (8)

## ANNUNCIOS.

### CAFÉ AGUA D'OURO.

Abriu-se o novo café—AGUA DE OURO, sito na esquina da rua das Aguas. O publico encontrará n'este novo estabelecimento varias bebidas e todas de excellentes qualidades. (10)

O proprietario do Café — AGUA D'OURO — tem para vender um bilhar, mezas, e varios objectos pertencentes a botequim.

Quem quizer comprar alguns d'estes objectos pôde dirigir-se a casa do mesmo, na rua das Aguas. (11)

Pelo juizo de direito d'esta cidade e comarca, e cartorio do escrivão Antonio Carlos d'Araujo Motta, correm editos de 30 dias a chamar todas as pessoas incertas que por ventura se

juquem com algum direito á herança de Antonio Dias d'Oliveira, filho legitimo de João Marques d'Oliveira e de Maria das Neves, moradores que foram na freguezia de S. Victor, d'esta cidade, ultimamente fallecido, ab intestato, na cidade de Obidas, provincia do Pará, imperio do Brazil, ou a parte d'ella, o venham allegar e deduzir na segunda audiencia, do dito juizo, posterior ao prazo d'estes editos, que vem a ser no dia 7 do proximo mez de Novembro, dia em que esta citação edital tem de ser accusada em publica audiencia, pelas 10 horas da manhã, no tribunal judicial, que é sito no largo do Paço d'esta mesma cidade, sob pena de revelia e lançamento e de seguir a justificação e habilitação, requerida por D. Anna d'Oliveira Dias, solteira de maior idade, d'esta cidade, e ora residente na do Porto, e por sua irmão D. Maria das Maravilhas Marques Dias, auctorisada por seu marido Domingos Fernandes da Motta, morador n'esta mesma cidade de Braga, como herdeiros do predito finado seu irmão, os seus ultteriores termos.

O solicitador,

Antonio Pinto da Cunha Barboza. (19)

### Arrematação.

Pelo juizo de direito d'esta comarca e cartorio do escrivão-ajudante João Marcos d'Araujo Ribeiro, teem d'andar em praça, novamente, no dia 3 do proximo mez de Novembro, pelas 10 horas, á porta do tribunal judicial, no largo do Paço, uma propriedade penhorada a Antonio da Costa Pereira Malheiro e mulher, da freguezia de Villa Verde, julgado da Barca, na execução que lhes promove pelo dicto cartorio, Mathias Dias da Fonseca, negociante d'esta cidade, cuja propriedade é:

Compo denominado de Mourem, terra lavradia com vidõnho, e tem agoa de rega e lima, sito na predita freguezia de Villa Verde; produz pão e vinho, e foi avaliado na quantia de 124\$000 rs.

Quem na mesma quizer lançar pôde comparecer no dito dia, hora e local.

O solicitador,

Antonio Pinto da Cunha Barboza. (17)

### Venda de quintas.

Vendem-se duas grandes quintas com casa apalaçada e doze rodas de moinhos, que são movidas pela agoa do rio. São muito bem situadas, nos arrebaldes d'esta cidade, teem bom terreno e muito productivo.

Quem pretender pôde dirigir se no Porto ao solicitador Antonio da Silva Sanctos, e n'esta cidade, a Antonio Pinto da Cunha Barboza, dos quaes receberão os esclarecimentos necessarios.

O solicitador,

Antonio Pinto da Cunha Barboza. (18)

### Acção de separação.

Luiza de Carvalho Mattos d'Oliveira, d'esta cidade, requereu par acção judicial a separação de seu marido Antonio da Silva Araujo, d'esta mesma, a qual pende n'este juizo e cartorio do escrivão Pessa; o que se faz publico na conformidade do art. 1225 do Cod. Civ. Port.

O procurador,

Antonio José Borges. (15)

### Officina de esteiras

Rua do Souto n.º 33.

Antonio Marques dos Sanctos, continúa fazendo esteiras para sallas, quartos, egrejas e altares, bem como costura ou pés de cama lizas e bordadas em gosto moderno, eguaes ás das fabricas de Lisboa e Porto: sendo de diversos preços e todos muito commodos.

Tambem faz concertos. (16)

### LIVRARIA DE EUGENIO CHARDRON

Largo de S. Francisco n.º 4 — Braga.

Encontra-se á venda na dita livraria todos os compendios adoptados no lyceu nacional de Braga, bem como todas as novas publicações. (9)

### LECCIONAMENTO DE FRANCEZ.

João José Alves d'Araujo, morador na rua das Agoas, n.º 102, achando se habilitado pela sua longa estada em França e assiduo estudo, para leccionar francez, annuncia que, por modico estipendio mensal, começará o seu leccionamento no dia 1.º d'Outubro, promettendo desde já habilitar sufficientemente os seus leccionados para o exame final. (7)

Arrenda-se parte da casa do campo de D. Luiz, n.º 37; quem a pertender, falle na mesma com Joaquim José Gonçalves Loureiro. (6)

## ARMAZEM DE VINHOS DO ALTO DOURO

DA CASA DE VILLA POUCA.

Rua do Souto n.º 15. BRAGA.

Acaba de ser sortido este armazem com as seguintes qualidades de vinhos engarrafados e aquartilhados: ENGARRAFADOS

|                               |     |
|-------------------------------|-----|
| Vinho tinto de meza           | 150 |
| » » »                         | 190 |
| » Lagrima                     | 200 |
| » Branco de meza              | 210 |
| » tinto de meza fino          | 270 |
| » de prova secca              | 300 |
| » Malvasia de 2. <sup>a</sup> | 360 |
| » » velho                     | 400 |
| » Bastardo                    | 500 |
| » Moscatel                    | 500 |
| » Malvasia                    | 500 |
| » Roncão                      | 700 |
| » Alvaralhão                  | 560 |
| » Velho de 1854               | 600 |

### A RETALHO

Vinho para meza 40 e 80, o quartilho tinto e 120 o branco.

Responde-se e garante-se a pureza e boa qualidade de todos estes vinhos, podendo todo e qualquer consumidor mandal-o experimentar por meio de qualquer processo chymico.

N'estes preços não fica incluido o valor da garrafa que o comprador apresentará ou pagará 40 reis por cada uma. (8)

Este jornal está habilitado.

AGA: — Typ. de D. G. Gouvea.

## LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

## EUGENIO CHARDRON

LARGO DE S. FRANCISCO-BRAGA.

### PUBLICAÇÕES PORTUGUEZAS

|  |        |  |        |
|--|--------|--|--------|
| Dias Ferreira—Codigo Civil Portuguez, annotado, 2 vol., 8.º                                  | 4\$00  | Eurique — Vozes propheticas ou applicões e predicções.                         | 250    |
| Ribeiro e Vilhena—O Caso Julgado e os documentos particulares segundo o Codigo Civil, 1 vol. | 600    | Palestras Familiares sobre o protestantismo de hoje em defeza do catholicismo. | 200    |
| Forjaz—Projecto do Codigo de Commercio, 1 vol.   | 800    | Cezar Machado—Da loucura e das manias em Portugal.                             | 500    |
| Innocencio de S. Duarte—Arestos—As nullidades do Processo, 1 vol.                            | 1\$000 | Quadro do campo e da cidade.   | 500    |
| O Guarda Livros Portuense, 1 vol   | 800    | Camillo C. Branco—O Inferno.   | 500    |
| Lapa—Technologia rural, 3 vol.   | 3\$700 | Quatro horas innocentes.   | 500    |
| O Cosinheiro dos Cosinheiros, 1 v.   | 1\$000 | Magalhães Lima—Miniaturas romanticas, 1 volume.                                | 500    |
| Almanak do Cosinheiro—1 vol.   | 240    | E. P. de Almeida—Olympia.  | 400    |
| Pontos para o curso de portuguez, segundo o programma official.                              | 240    | Ramalho Ortigão—Em Pariz.  | 500    |
| Carvalho—Corographia Portugueza, 2. <sup>a</sup> edição, 3 vol. em f.º                       | 4\$000 | Luiz d'Araujo—Novo Almocreve das Petas, 2 volumes.                             | 1\$000 |
| Pinheiro Chagas—Historia de Portugal, 7 vol.   | 7\$000 | Fernandez, Historia dos sete morcegos  | 600    |
| A Conspiração de Pernambuco.   | 500    | Ponson du Terrail—O grilo do moinho.   | 400    |
| Smith—Memorias do Marquez de Pombal, traduzidas por Fouseca e Castro, 1 volume.              | 1\$200 | Lobato—Os Fidalgos do Coração de Ouro, 2 volumes.                              | 400    |
| Brito Aranha—Memorias historico-estaticas.   | 700    | Alberto Estanislau — A Condemnada, drama.                                      | 240    |
| Vasconcellos—Os Musicos Portuguezes, 2 volumes.  | 2\$400 | Alfredo Campos — Um Livro Intimo.  | 200    |
| Freitas Junior—A Revolução Social  | 300    | A felicidade pela familia.   | 100    |
| Candido de Figueiredo—A Liberdade de Industria.  | 300    | João de Deus—Ramo de flores.   | 300    |
| O Municipio e a Descentralisação.  | 200    | Tito de Noronha — Passeios e digressões.                                       | 400    |
| Villas Boas—Os Papas dos tempos modernos   | 600    | Belot e Dantin—Memorias de um caixeiro ou um drama da vida commercial.         | 600    |
| Barão d'Holbach—A verdadeira interpretação do systema da natureza.                           | 300    | F. Soulié—Os dous cadaveres.   | 500    |
| Padre...—O Confessor.  | 500    | D. Antonio da Costa—José de Castilho o heroe do Mondego.                       | 600    |
| Marquez — Certeza do fim proximo do mundo.   | 200    | Arnaldo Gama—O Balio de Leça.  | 500    |
|  |        | Reynolds, Dramas de Londres, 8 v.  | 3\$200 |
|  |        | Augusto Cezar — O Engeitado, 1 vol.  | 300    |
|  |        | Encyclopedia litteraria.   | 300    |

Satisfaz com brevidade qualquer pedido de livros portuguezes e estrangeiros.